Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 756

30 DE DEZEMBRO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe. e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

A AVÓ — *Desenho de Columbano Bordallo Pinheiro*

CHRONICA OCCIDENTAL

ESTÁ por muito pouco a chegar o anno santo.

A' meia noite do dia 31 os sinos hão de todos repicar no ar muito frio da noite de inverno; os grandes portões das egrejas, abertos de par em par, hão de deixar ver os altares illuminados com mil luzes; subirá até ao alto dos thronos rutilantes e perfumados, entre preces, o fumo do incenso.

Anno santo!

Ora Deus o faça melhor do que este que vai expirando, e a aurora do anno novo não se pareça com a noite sombria, que envolve todas as almas e apagou até já muita luz de esperança, a ultima que se apaga nos corações.

E' este o ultimo anno do seculo XIX?

Ainda mais um temos que viver no chamado seculo das luzes? Deixemos discussões agora. Anno santo querem nomeal-o. Que santo, santissimo elle seja, que seja de paz, que Deus crie boa vontade nos homens e que os horisontes se tornem limpidos como os desejos de tantos corações, que por ahi vão chorando.

O anno que vai findar viu o congresso de paz na Haya e o rebentar da guerra no Transvaal. Que novas, contradictorias surprezas nos reserva o anno que está para nascer?

Alguns boatos correm que nos arrancam ao nosso socego caseiro. As derrotas consecutivas do exercito britannico na Africa do Sul chamam a attenção de todos os paizes para a bahia de Lourenço Marques e mais que a de todos a da propria Inglaterra. Chamamos-lhe *attenção*, embora não haja na rhetorica classificação para tropo d'essa ordem. E' innegavel que estamos correndo gravissimo risco de muitas complicações

Anno santo! Anno santo! Deus o traga em bem.

As ultimas novas chegadas de Inglaterra são pouco animadoras para o fortissimo exercito, que de muitos pontos do mundo partiu a juntar-se na grande colonia para combater os boers.

As palavras de Kruger transmittidas pelo telegrapho ao mundo inteiro assumem um ar de prophecia.

O orgulho da Inglaterra tinha que levar esta enorme e terrivel lição.

De Kruger já dizia o Principe de Bismarck que era elle o primeiro diplomata do seculo.

E duas nações, que ambas merecem sympathias, uma pela sua gloriosa velhice, outra pelo brilho da sua juventude, dão n'este fim de seculo, pelos homens do seculo tão gabado de luminoso, o mais triste dos espectaculos, a guerra entre nações civilisadas.

E ha dois dias apenas que o congresso de Haya findou seus trabalhos e ainda esta fresca a tinta da primeira carta circular assignada pelo Czar da Russia!

De que servem philosophias sobre as miserias da humanidade? Abram essas egrejas á meia noite, repiquem esses sinos chamando o povo á oração. *Sursum corda!* A fé do velho Kruger, que acredita na Providencia e na justiça divina, pudesse transmittir-se a todos. Com animo mais alegre, com mais luz em nossas almas dariamos entrada no anno novo, no anno santo, pois que santo lhe querem chamar. E não é de mais todo um anno de orações, para que Deus abençoe o seculo que vae nascer.

O tempo é de festas agora. Foi um dia esplendido o dia de Natal, todo azul, todo cheio de sol. Foi uma alegria em toda a cidade!

É que estes descanços tambem são precisos. Eram nuvens demais, dentro e fóra de nós, nos espiritos timoratos e no céo de dezembro. O azul vestiu-se de gala, as mulheres bonitas abriram os seus melhores sorrisos, as crianças começaram chilreando e por fim as sombras interiores tambem se desvaneceram n'um hymno alegre de boas festas que tudo se pôz a cantar.

Depois d'isso já vieram dias cinzentos, chuvas monotonas, estrellas embiocadas.

É preciso que tudo ande contente, que a alegria a todos chegue n'estes dias, e, logo ahi fóra de portas, os lavradores bemdizem o céo, quando os passeios gorados, o theatro onde se não poude ir, o vestido que não é prudente estreiar, põem de máo humor a gente de Lisboa, que quer festas, ruas sem lama, theatros á cunha.

Mas o bem tem chegado a todos, distribuido por mão experimentada.

Lopes de Mendonça teve a sua recita de auctor no theatro D. Amelia. Manuel Penteado estreiou-se como auctor dramatico no beneficio da formosa actriz Maria Pia de Almeida. E ambos tiveram muitas palmas, muitos abraços de amigos e viram muita gente alegre, porque a noite era de festa para elles e para quantos á intelligencia d'elles e optima amizade prenderam espirito e coração.

E não lhes fez mal a chuva nem a lama d'essas ruas, cada vez mais insupportavel.

O tempo vae bom para a cavaqueira ao pé do fogão, onde crepita a lenha, e para longas leituras de livros amigos, durante o longo serão de inverno. Espreita-se o céo; chove. Entreabre-se a janella; o frio é de rachar. É doce a luz do candeeiro, convidativa a grande poltrona. Abre-se o livro ao acaso, folheia-se, uma pagina é lida, dá-nos a tentação de vêr o resto...

Os livros novos estão sobre a meza... Veio-nos um de muito longe, desde Goa; é d'um velho amigo, Fernando Leal; versos em francez, uma carta ao Tzar. Congresso de paz... Guerra contra os boers... Não podia chegar mais a tempo.

E lembramo-nos de muito boas horas passadas ha muitos annos, em tempos mais felizes, porque vão longe... Que enormes cavaqueiras sobre arte, litteratura, odio ao inglez... O Fernando Leal é sempre o mesmo, aquelle sangue continua a ferver, aquella cabeça anda sempre a escaldar... E foi assim que elle sempre fez bons versos.

Ao pé do volume do velho amigo, *As Algas* de João de Barros, um novo, um muito novo, de Coimbra, estudante...

Depois das saudades a esperança. Contrastes a cada momento! Tão poucas horas separam a manhã da tarde!... As noites é que são compridas, agora, em dezembro.

Saudo o poeta velho n'este fim d'anno, e, para principio do anno santo, vão estas poucas linhas levar as minhas boas festas ao outro, para quem o oriente se avermelha.

Emquanto os poetas cantarem ha de haver um bocadinho de alegria, conducto d'esse pão que não chega só para que d'elle viva o homem.

Diz-se muito mal de toda a arte moderna e que é fatalmente transitoria. Quem o sabe ao certo? E isso que impede á consolação que póde trazer-nos? Quem com taes philosophias queria dar um beijo n'uma mulher bonita?

Arte moderna!...

E como ella vai procurando os moldes antigos... talvez porque os julgue, pela já provada duração d'elles, capazes de a levar mais longe, tão longe como elles hão de chegar.

Arte velha!...

Bellos exemplos a seguir encontramos nós, sem d'aqui sahirmos do velho Portugal, nos monumentos.

E por isso, e porque é dever nosso falarmos d'esse livro, chamamos a attenção dos que sentem um pouco vulgar amor ás nossas bellas ruinas, para a obra que o nosso amigo Liberato Telles acaba de publicar sobre o antiquissimo Convento da Madre Deus, um dos mais opulentos thesoiros das riquissimas artes, que por tantos annos floresceram em Portugal.

É uma obra utilissima, cheia de factos historicos e de notas d'arte, escripta com amor sincero e que mais um titulo de gloria accrescenta para esse honrado e intelligente trabalhador, a quem já muito devem as bellas artes entre nós

Em arte é fecundo o amor ás coisas velhas. Uma saudade do que foi cria esperanças para o que ha de ser.

Um anno—um seculo, segundo alguns—vai afundar-se no passado...

Até para o anno... Até para o seculo que vem... Desejo-lhes um anno santo.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

A AVÓ

Desenho de Columbano Bordalo Pinheiro

Os extremos tocam-se. A velhice é uma segunda infancia e por isso se entendem de costume tão bem os velhos e as crianças. Ha n'uns e n'outros uma mesma ingenuidade, um pueril interesse que os approxima e liga intimamente. Os contos e as historias, que os primeiros narram circumstanciadamente aos segundos, deleitam por egual o narrador e o ouvinte.

Mas se se trata de uma avósinha, como a que o artista reproduziu no desenho, esses extremos de carinhoso affecto redobram, pois se ella é duas vezes mãe, e quer duplamente ao seu netinho. E ha crianças tão amigas de quem as amima que não se extranha prefiram o convivio dos avós ao dos proprios paes. O cão e o menino fogem para onde lhe fazem o mimo, declara o adagio.

Quantos dos nossos leitores não tiveram em sua avó um refugio para as suas primeiras magoas, uma santa velhinha para lhes enxugar as pequeninas lagrimas que uma futil contrariedade lhes fez verter! E este apêgo é ás vezes tão vivo que as avós se zangam com as noras... quando pretendem punir qualquer travessura propria da edade. E então acode a velhinha, como que lançando sobre o delinquente o pendão da sua misericordia.

Santa bondade a das avósinhas!

TANTAS!... BASTAVA UMA

Tantas a puxarem por ti!

E tu a defenderes-te! Ellas riem e tu achas-lhes muita graça e ris tambem. Com pés e mãos te defendes!

Mas a corda já te queima o pescoço... Aquellas mãosinhas já te fazem doer... Ahi mesmo onde o esparto te corta a pelle é o sitio da canga.

Ellas são trez e com as tres ainda tu pódes. Um dia ha de ser uma só e talvez não possas com ella.

Isto é absurdo em arithmetica e na logica; mas olha que é assim. Mathematicas e philosophias de nada valem quando se trata d'uma mulher.

Seis olhos—e que lindos elles são!—alumiam-te agora, e aquellas gargalhadas argentinas lembram-te sinos a repicarem n'um dia de festa. Mas um só par de olhos ha de encandear-te um dia e tu ficarás atabobado, e uma só palavra de amor segredada ao teu ouvido ha de conter para ti mais musica que todos os carrilhões d'uma cidade.

Então em vez da corda... a canga, em vez das tuas gargalhadas... muita lagrima.

E d'ahi talvez não.

Um conselho: escolhe a mais bonita, que essa ha de ser a melhor.

Vai-te com esta.

INFANCIA DE JESUS

Quadro de Luini

Bernardo Luini, o fecundo pintor italiano que os nossos leitores já conhecem por outros quadros aqui reproduzidos, é o auctor do que n'este numero estampamos a paginas 292 e que se intitula a *Infancia de Jesus*, pois representa a Virgem unindo em suavissimo amplexo os dois meninos Jesus e S. João.

Jesus, na edade infantil, afaga o manso cordeiro symbolo de paciencia e cordura, que foram os principaes attributos da santa religião que depois prégou ao mundo.

Este bello quadro, muito notavel pelas sublimes expressões e naturalidade que apresenta, é dos mais queridos de tão apreciado artista. Existe n'uma das capellas lateraes da egreja *Degli Angeli*, em Lugano.

O Menino Jesus como que interroga sua Mãe sobre a innocencia das caricias que prodigalisa ao cordeirinho, e S. João aponta docemente para Jesus, mostrando-o n'um gesto candido cheio de doçura.

O artista soube expressar com elevada poesia

estes sentimentos e a sua obra é digna de ser conhecida de todos os amadores de bellas artes e especialmente da pintura religiosa, que tantos primores deu ao mundo, e que hoje, despojos de conventos supprimidos ou retabulos de templos ainda abertos ao culto, são patrimonio opulento e admirado dos museus artisticos de todo o mundo.

O NOSSO SUPPLEMENTO

A MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA EM 1899

O titulo acima é o assumpto do nosso supplemento ao presente numero, uma vasta composição em que se representam todos os actuaes navios de guerra portuguezes, desde os couraçados maiores até ás lanchas-canhoneiras mais pequenas, que, nas aguas longinquas das nossas dilatadas possessões, prestam tão notaveis serviços á soberania nacional, fazendo respeitado o nome portuguez.

Havia muito tempo que um grande numero dos nossos estimaveis assignantes nos convidava a que publicassemos uma estampa allusiva a tão patriotico assumpto, de tão alta significação para um paiz que na lista das nações coloniaes ainda hoje occupa um dos primeiros logares. O quadro, comquanto consolador, não mostra infelizmente a justa relação que devia existir entre a extensão das nossas possessões e a importancia e numero dos navios, mas a um paiz tão pequeno não será licito exigir uma armada poderosa, que outros em melhores condições não possuem. E' necessario attender a esta circumstancia e darmos o devido valor á nossa marinha tal como hoje a representamos.

Só agora lográmos satisfazer as penhorantes e honrosas instancias dos nossos prezados assignantes, e, parece-nos, que o conseguimos com pleno exito, não desmerecendo d'aquelle solicito interesse. O desenho que reproduzimos é muito cuidado e apresenta com a maior fidelidade todos os navios da marinha de guerra portugueza existentes em 1899.

O justificado prazer e particular minudencia com que sempre temos acompanhado o desenvolvimento da marinha nacional, vindo registando ha vinte e dois annos, com a largueza e opportunidade possiveis, os seus novos navios, e ainda no anno corrente nos congratulámos vivamente com a sua reconstituição, tudo isto nos dispensa de mais desenvolvidas indicações do que as constantes do proprio supplemento e que o elucidam perfeitamente.

A CONFISSÃO DO AMIGO

Comedia n'um acto extrahida d'um conto de H. Sudermann

ACTORES

UM VELHO MILITAR. Ar marcial. Bigodes de guias cortadas. Forte sobr'olho carregado.

UM VELHO PROFESSOR. Alto, magro. Testa de pensador. Sorriso tranquillo e meigo.

Uma sala mobilada á antiga, tristemente alumiada por uma suspensão de metal com quebra-luz verde. O cone luminoso cai sobre a toalha branca d'uma mesa redonda, em que se vêem todos os ingredientes precisos para fazer um ponche. Alastram-se a meio da toalha umas gotas de azeite cahidas do candeeiro.

SCENA UNICA

O Militar e o Professor

Estão os dois sentados, o MILITAR n'uma cadeira de rodas, o PROFESSOR no sofá, junto d'elle.

O PROFESSOR depois d'um silencio

Por estas horas começava ella a arranjar-nos o ponche.

O MILITAR

Era por estas horas, era.

Silencio.

O PROFESSOR

Não julguei que nos fosse sem ella tão triste a vida. *(Olha para o amigo, que continua a remoer os queixos).* Quarenta e quatro annos a fio nos fez ella o ponche da ultima noite do anno.

O MILITAR

Ha quarenta e quatro annos que estou em Berlim e não deixaste nunca de ser amigo da casa.

O PROFESSOR

Faz hoje um anno, aqui estavamos juntos todos tres, e bem contentes. Ella estava ali, sentada na poltrona, fazendo uns sapatinhos de lã para o filho mais velho do Paulo. Queria acabal-os, dizia, antes da meia noite. Acabou-os. Depois bebeu-se e falou-se da morte serenamente. Dois mezes depois. . Escrevi um calhamaço sobre a *Immortalidade da idéa.* Nunca o pudeste aturar. Pois nem eu, desde que morreu tua mulher. Bem me importa a mim agora a idéa do mundo inteiro!

O MILITAR

Foi devéras uma senhora exemplar! Os cuidados que tinha comigo! Sempre que me levantava para o serviço ás cinco da manhã, encontrava-a a tratar-me do cafésinho. Que alguns defeitos, coitada... Quando, por exemplo, se punha a philosophar comtigo...

O PROFESSOR

Se nunca a percebeste!... *(Reprime um movimento de colera e logo, doce e tristemente, fita no amigo um demorado olhar).* Olha... Vou contar-te uma coisa que me atormenta e que não quero levar comigo para a cova.

O MILITAR, pegando n'um cachimbo

Pois conta sem mais preambulos.

O PROFESSOR

O que, um dia, se passou entre mim e tua mulher...

O MILITAR, deixando cahir o cachimbo

Hein?... Poucas brincadeiras!

O PROFESSOR

Infelizmente falo-te muito a sério. Ha mais de quarenta annos que me rala este segredo. Preciso desabafar comtigo.

O MILITAR

Queres talvez dizer que minha mulher...

O PROFESSOR, sorrindo

Pois não tens vergonha da suspeita? *(O militar rosna umas coisas e accende o cachimbo).* Se ella era tão pura como um anjo do céo!... Foi isto. Fez ha dias quarenta e tres annos. Tinhas sido transferido capitão para Berlim, onde eu fôra nomeado professor da Universidade. Eras um estroina de marca. Deves lembrar-te.

O MILITAR sorrindo desvanecido

Lá isso!... *(Com os dedos tremulos retorce o bigode).*

O PROFESSOR

Aquella actrizita de lindos olhos, lindos dentes...

O MILITAR

A Bianca! Se me lembra! Lindos dentes que sabiam morder!

O PROFESSOR

Enganaste a tua mulher, que desconfiou da traição e nem uma palavra te disse. Sua dôr guardou-a comsigo. Nada notaste; notei-o eu. Era a primeira mulher que eu conhecia depois da morte de minha mãe. Como astro brilhante entrára na minha vida, foi como em astro brilhante que n'ella fitei meus olhos Animei-me a perguntar-lhe a causa de suas penas Sorriu-se, respondendo-me que estava adoentada. Podia ser, lembraste de que teu filho Paulo tinha nascido havia pouco. Chegou a ultima noite do anno e eu entrei em tua casa, conforme era meu costume, pelas oito horas. Ella estava ali sentada, bordando e eu puz-me a lêr. Passou-se uma hora, outra... e tu sem chegares! Inquieta, estremeceu e eu, vendo-a, estremeci tambem. Eu sabia onde estavas e todo tremia ao pensar que nos braços d'ess'outra mulher poderias esquecer a meia noite que estava cahindo. Ella deixára o bordado, eu deixára o livro, e o silencio terrivel esmagava-me. De repente vi-lhe nos olhos tremeluzindo uma lagrima. Levantei-me para te ir buscar. Sentia-me capaz de te arrancar á força a essa Bianca. Mas n'esse mesmo instante tua mulher ergueu-se tambem perguntando-me: — «Onde vai?» Li-lhe no rosto uma angustia horrivel — «Vou procurar o Frantz!» respondi. E ella soltou um grito. — «Peio amor de Deus, não me abandone tambem!» E, correndo para mim, pondo-me sobre os hombros suas mãos, escondeu no meu peito o rosto lavado em lagrimas. Correu-me o corpo um estremecimento, porque nunca tivera mulher tão junto a mim. Consegui entretanto serenar e procurei consolal-a. Sêde devia ella ter de consolações! Instantes depois chegavas tu. Nem deste pela minha perturbação. Vinhas muito vermelho e em teus olhos amortecidos lia-se o cançasso, que vem apoz a embriaguez do amor. Desde essa noite operou-se em mim uma mudança que me assustava. Desde que sentira nos meus hombros aquelles braços delicados, desde que respirara o perfume d'aquelles cabellos, o astro desceu dos céus, e a meus olhos ardentes ergueu-se, bella e respirando amor, a Mulher! Tratei-me como a miseravel, a traidora, e por isso, tentando uma meia reconciliação com a minha consciencia, procurei separar te da mulher que amavas. Dispunha felizmente d'um certo dinheiro e ella acceitou, para quebrar comtigo, a quantia que lhe offereci.

O MILITAR

Com mil raios!... Por isso ella me escreveu aquella enternecedora carta em que me dizia que, de coração esmigalhado, tinha de renunciar ao meu amor!

O PROFESSOR

Fui eu que lhe disse que assim tinha que escrever-te. Cuidei com esse dinheiro comprar o descanço; mas qual! Era em meu cerebro um turbilhão de ideias cada vez mais doidas! Embebi-me em meus estudos. Foi por esse tempo que me veio a idéa primeira da minha *Immortalidade da Idéa.* Mas nem assim encontrei paz. E assim passou um anno, até seu ultimo dia chegar. Uma vez ainda, aqui me achei sentado ao lado d'ella, n'este mesmo logar onde hoje estou. D'essa vez estavas em casa, mas adormecêras, estirado no canapé, ali, n'aquelle quarto. Voltáras extenuado, depois d'um jantar de folia no teu gremio. Estava sentado ao lado d'ella, com os olhos fitos em seu rosto pallido, quando, com violencia irresistivel me assaltou a *lembrança.* Uma vez mais, só mais uma vez, queria sentir-lhe o peso da cabeça sobre o meu hombro, queria uma vez ainda abraçal-a e fugiria depois. Encontraram-se os nossos olhares e eu cuidei vêr-lhe nos olhos um clarão de secreta intelligencia. Não pude mais, lancei-me a seus pés e escondi em seus joelhos meu rosto em braza. Estive assim dois segundos n'essa posição, quando senti sobre os meus cabellos o frio da sua mão e lhe ouvi a voz doce: — «Animo meu amigo.» — «Animo! respondi. Não devemos enganar o homem que ali, n'aquelle quarto, dorme, cheio de confiança.» E levantei-me, lançando em volta um olhar desvairado. Ella pegou n'um livro que estava sobre a mesa e deu-m'o. Percebi o que ella queria. Abri-o ao acaso e puz-me a lêr. O quê? Não sei; que todas as letras se puzeram a dançar. Entretanto o temporal foi-se acalmando na minh'alma e, quando deu meia noite e tu entraste, d'olhos papudos, para nos dares as boas festas, parecia-me que esse culpavel instante, estava longe, muito longe, afundado no passado. Foi desde esse dia que me fui acalmando: sabia que o meu amor não era correspondido e que d'ella só tinha a esperar um nadinha de compaixão. Passaram-se os annos, cresceram os teus filhos, casaram, e nós trez cá fomos envelhecendo. Déste de mão ás extravagancias, mandaste as mulheres para o inferno e começaste a viver só para ella... bem como eu. Deixar de amal-a não me era possivel, mas transformou-se-me o amor: apagaram-se os desejos terrestres para darem logar ao que quer que fosse de communhão espiritual. Muita vez rias, quando nós philosophavamos; mas que ciumes não terias se soubesses que então n'uma só se fundiam as nossas duas almas! Ella agora já morreu; antes do cabo do anno iremos talvez ter com ella É por isso que julgo ser tempo de me aliviar d'este segredo, dizendo-te: «Frantz, um dia commetti uma culpa grave contra ti; perdôa-me.» *(Estende-lhe a mão).*

O MILITAR, asperamente

Cantigas! Que queres tu que eu te perdôe? O segredo que hoje me confias ha que tempos que o sei! Ha quantos annos ella m'o contou! E, agora, sempre te quero dizer porque motivo andei sempre mettido com mulheres até depois de velho: foi porque ella me confessou, por esse mesmo tempo, que o unico amor da sua vida... eras tu.

(No velho relogio da sala bate meia noite).

TANTAS! . . BASTAVA UMA — *Quadro de Hans Dahl*

SUPPLEMENTO AO N.° 756 DO «OCCIDENTE»

30 DE DEZEMBRO DE 1899

A Marinha de Guerra Portugueza em 1899

N.°	Navio	Construcção	Anno
1	Cruzador D. Carlos	Construido em Inglaterra	em 1898
2	» Adamastor	» » Italia	» 1897
3	Couraçado Vasco da Gama	» » Inglaterra	» 1876
4	Corveta Affonso d'Albuquerque	» » »	» 1884
5	Cruzador D. Amelia	» » Lisboa	» 1899
6	» S. Raphael	» » França	» 1899
7	» S. Gabriel	» » »	» 1899
8	Corveta Bartholomeu Dias	» » Inglaterra	» 1858
9	Canhoneira Liberal	» » »	» 1884
10	» Sado	» » »	» 1886
11	» Zaire	» » »	» 1884
12	» Limpopo	» » »	» 1890
13	Canhoneira Massabi	Construido em Inglaterra	em 1887
14	» Quanza	» » Lisboa	» 1878
15	Corveta Rainha de Portugal	» » Inglaterra	» 1876
16	» Duque da Terceira	» » Lisboa	» 1864
17	Canhoneira Bengo	» » Inglaterra	» 1879
18	» Mandovy	» » »	» 1879
19	» Dio	» » Lisboa	» 1890
20	Transporte Pero d'Alemquer,	Adquirido em Inglaterra	» 1896
21	Canhoneira Tamega	» » »	» 1876
22	» Rio Lima	» » »	» 1878
23	Corveta Mindelo	» » »	» 1876
24	Fragata D. Fernando (E. P. A. N.)	» na India (Damão)	» 1843
25	Canhoneira Vouga	Construida em Lisboa	em 1885
26	» Tejo	» » »	» 1887
27	» Douro	» » »	» 1879
28	» Ave	» » »	» 1881
29	» D. Luiz	» » »	» 1895
30	» Cacongo	» » Inglaterra	» 1887
31	Transporte Salvador Corrêa	» » »	» 1893
32	Vapor Fulminante		1890
33	» Mineiro		
34	Canhoneira Açôr,	Adquirida pelo governo	» 1887
35	Vapor Auxiliar		
36	Corveta Estephania (E. A. M.)	Construida em Ingl.	» 1864
37	Canhoneira Rio Minho		
38	Canhoneira Tavira		
39	Canhoneira Faro		
40	Canhoneira Lagos		
41	Rebocador Lidador		
42	Barca Cabinda		1886
43	Corveta Duque de Palmella (E. A. M.)	Construido em Lisboa	em 1864
44	Canhoneira Zambeze	» » »	» 1886
45	Vapor Neves Ferreira		
46	Transporte Africa	» » Ingl.	» 1875
47	Lancha canhoneira Honorio Barreto	» » Lisboa	» 1894
48	» » Serpa Pinto	» » Ingl.	» 1894
49	Lancha canhoneira Ivens	Construida em Ingl.	em 1894
50	» » Capello	» » »	» 1894
51	Rebocador Berrio	Adquirido	» 1897
52	Lancha canhoneira Diogo Cam	» » Lisboa	» 1896
53	» » Pero Annaya	» » »	» 1896
54	Canhoneira Chaimite	» » »	» 1897
55	Lancha canhoneira Lacerda	» » Ingl.	» 1894
56	Torpedeiro n.° 2	» » »	» 1886
57	» n.° 3	» » »	» 1886
58	» n.° 4	» » »	» 1888
59	» Espadarte	» » »	» 1882
60	Lancha canhoneira Sabre		
61	Lancha canhoneira Carabina		
62	» » Chirim		
63	» » Marraquene		
64	» » Obuz		
65	» » Flecha		
66	Rebocador Baptista de Andrade		
67	Vapor Dilly		
68	Lancha canhoneira Granada		
69	» » Chuabo		
70	» » Cuamá		

ENTRE DUAS BATALHAS

— Ora aqui está, meus rapazes, dizia o cabo...

regimento tinha feito alto na Lameira. Uma chuva pertinaz cahia miudinha. Ia anoitecendo. Reunidos na fileira, os soldados aguardavam as ordens. Adeanta se um cabo:

— Meu coronel, sou d'esta aldeia; do outro lado da encosta está o solar do morgado das Lages, e é tão grande, que na casa e nas abegoarias cabem á vontade 400 homens.

— Vamos lá, disse o commandante.

Os cornetas tocaram em ordem de marcha, rufaram os tambores, e o regimento dizimado, desfilou, serio, como n'uma parada. No tôpo da encosta viram, em baixo na veiga, a casa do morgado. Era enorme; tinha sido construida no seculo XVII por um navegante illustre, que as miserias da côrte levaram á solidão do ermo. Não tinha luz nem vida; apenas uma azenha por detraz da solitaria edificação quebrava o silencio. O palacio, sobre um grande arco, dava vasante ás aguas do açude. O regimento desceu calado a vertente. Lá ao fim adeantou-se o mesmo cabo:

— Meu coronel, se v. s.ª ordena, vou bater á porta.

— Vae, disse o official. Dirás que somos da Legião luzitana, brigada Champalimaud, e que queremos alojamento por uma noite; ámanhã vamos encontrar o corpo do exercito, que segue no encalço do Massena.

— Sim, meu coronel.

Sentiram-se as aldrabadas na porta. Ninguem respondeu.

— Meu coronel, cuido que lá não está ninguem, disse ainda o cabo, fazendo a continencia.

— Os sapadores, disse o coronel.

Avançaram dois grandes homens barbaçudos.

— Arrombem a porta.

— Sim, meu coronel.

O cabo avançou com os dois porta-machados, e logo o portão do pateo voou em estilhas. As cornetas tocaram a avançar. O regimento, molhado e roto, entrou a passo.

O coronel, n'um magro cavallo, adeantou-se ao meio do pateo:

— Sr. tenente-coronel!

Uma voz respondeu: — Matou-o hontem a cavallaria do Montbrun.

— Sr. major!

Uma voz: — Não está, morreu.

— A' frente os srs. capitães!

Sahiram da fileira seis alferes.

— Presentes, meu coronel.

— São os srs. quem commanda as companhias?

— Sim, meu coronel.

— Está bem. A ordem é esta: todos os soldados ficam no pavimento inferior d'esta casa; os 1.ºˢ sargentos respondem pela ordem. Os srs. officiaes sobem ao primeiro, e esta noite convido-os para cear, se tivermos com quê. Cabo n.º 27 da 1.ª!

— Prompto, meu coronel.

— Como tu és d'esta aldeia...

— Tenho essa honra, meu coronel.

— Tu ficas encarregado de nos dar de comer a todos. Dispenso-te do serviço até ás 5 horas da manhã.

— Manda mais alguma coisa, meu coronel?

O commandante gritou com voz rouca: — Á vontade!

Sentiram-se no chão as coronhas das espingardas.

O coronel desceu do cavallo, e á frente dos officiaes subiu ao segundo piso. Em baixo sentiram-se estalar as portas. Os soldados invadiram os quartos do pateo.

O cabo tinha desapparecido.

A primeira confusão era grande; mas, no intervallo de duas batalhas, aquella gente começava a estar alegre. Muitos soldados não quizeram entrar na casa; principiaram a arranjar local para dormir, sob a grande alpendrada quadrangular que seguia em volta do pateo.

De repente, uma voz gritou: — Sentido!

Todos olharam para o largo portão escancarado. Era o cabo com dois bois, que olhavam melancholicos e desconfiados para aquella multidão de gente esfomeada.

— O 47 da 1.ª!

— Prompto!

— Passa aqui a baioneta no pescoço d'estes bons quadrupedes.

— Quadrupedes?! dizia o 47. Aquillo são bois.

— Silencio!

— Camarada, eu não sou magarefe.

— Pois sim, mas tu ainda hontem mataste um coronel de couraceiros.

— Lá isso é verdade. Andavamos os dois ao *redol* de uma arvore, e se o não mato, elle abria-me a cabeça.

— Bom, então siga-se o 24 da 2.ª

— Meu sargento, disse um rapaz avançando á frente, eu não mato os bois.

— Bem bom. Então vocês querem comer os bois vivos! Os soldados olharam-se tristes.

— Pois eu, disse o cabo, não mato os bois da minha aldeia!

Uma voz gritou da janella: — Soldados da guarda...

Era o coronel. Seis homens avançaram.

— Sentido: á primeira voz, atirem á cabeça dos animaes.

Um sargento commandou:

— Apontar! fogo!

As duas rezes um instante conservaram-se de pé. De repente cahiram sem um gemido.

O cabo tinha tapado os olhos. Eram bois da sua aldeia.

* * *

A' meia noite ardia larga fogueira no pateo do morgado das Lages. Um pesado carro de lavoura, erguendo nas sombras seu enorme timão, tinha pendente, pela corrente do poço, metade de um dos bois. Os soldados, sentados em volta da chamareda, escutavam attentos o solerte cabo, que lhes ia referindo uma velha historia. A alegria era geral; alguns mais cançados dormiam. De repente, a sentinella, cuja baioneta por vezes brilhava ao passar deante da larga porta escancarada, gritou:

— Alerta!

Todos se levantaram e correram ás armas.

— Esperem lá, dizia o cabo, eu vou ver o que é, e perdeu-se na escuridão.

Minutos depois voltava; atraz d'elle seguia uma rapariga dos seus 16 annos, conduzindo pela arreata um burro com uns ceirões.

— Ora aqui está, meus rapazes, dizia o cabo, esta rapariga que aqui vem é da minha aldeia

Os circumstantes sorriam-se. Era o estribilho do cabo.

— Pois esta rapariga, é a primeira mulher de Portugal.

— Hum! rosnaram os soldados. A primeira!

— É como lhes digo.

N'isto desceu o coronel.

— Silencio! impoz um sargento.

— Quer v. S.ª interrogal-a?

— Como te chamas, rapariga?

— Margarida, meu senhor.

— Tu não tens medo da tropa?

— Agora!

— E que vieste aqui fazer?

— Eu lhe digo, meu senhor. Todos fugiram da Lameira, mas eu fiquei para guardar a casa.

— É da minha aldeia, dizia o cabo voltando-se para os soldados, como quem dizia: — É ou não é a primeira?!

— Bom, mas porque vieste aqui?

— Como vi passar o regimento, lembrei-me que não teriam vinho, e então carreguei os dois garrafões no burro, e vim trazel-os a estes pobres soldados.

Um enthusiasmo louco, travado de admiração e agradecimento, dominava a tropa. Todos se approximaram.

— Meu coronel, dizia o cabo fóra de si, v. s.ª dá licença?

— Tu que queres?

— Dá licença, meu coronel?

— Pois sim, tens a licença.

— Sentido! Esta mulher, não é a primeira de Portugal, é a primeira das *Europias!*

— E verdade, diziam os soldados... dois garrafões de vinho!

— Pois bem, se ámanhã não me chacinarem no primeiro encontro com os francezes, eu... sim eu... caso com ella. E da minha aldeia.

Os soldados lançaram ao cabo olhos de inveja. A cachopa era formosa como poucas.

— Se o meu coronel der licença, concluiu o cabo.

Quando se voltou, a rapariga e o burro tinham desapparecido, mas aó pé da fogueira estavam no chão os dois garrafões.

— Isto parece bruxaria, dizia o cabo. mas não é, eu conheço a pequena, é filha da tia Josepha do Poço Novo.

* * *

A's cinco horas da manhã, ia a romper a alvorada. Todo o regimento, formado em ordem de marcha, sahia do pateo do morgado: o coronel a cavallo na frente. O aspecto dos soldados era bom; tinham comido e tinham dormido, estavam alegres. Ao subir da encosta,

— Alto! gritou o coronel.

Um ajudante de ordens, moço de 22 annos, descia a infesta á desfilada, com perigo de se despenhar.

— Ordens, dizia o moço sem respirar, ordens!

— Ordens, corria pelas fileiras, ordens, ordens!

— Todo o regimento em passo accelerado no alto da Sulla.

— Comprehendido.

O regimento desappareceu rapido, e veiga e monte, já então esclarecidos por clara manhã, ficaram solitarios. Sentia-se, porém, um rumor extranho na estrada que vinha de Mortagua. Era um troço do exercito francez, que retirava por ali, tendo na frente o Massena. Já em sol nado, o aspecto das montanhas do Bussaco era grandioso.

Conde de Valenças.

Jesus-Christo e os Santos Padres

O NOVO TESTAMENTO é citado ha perto de dezoito seculos por escriptores, uns a favor e outros contra. Em escriptos pertencentes ao segundo seculo da era de Christo encontram-se referencias e citações do Novo Testamento. O imperador Constantino Magno mandou (331. A. D. [1]) tirar cincoenta copias da Escriptura.

Quando se inventou a arte de imprimir começou-se a fixar as datas das copias e a obstar que os textos fossem adulterados.

Existem exemplares do Novo Testamento impressos em grego datados de Basle A. D. 1514 e revistos por Erasmo, tambem os ha datados de *Complutum* e Alcalá (Hespanha) em 1514 A. D.

O codex *Sinaico*, descoberto no convento de Santa Catharina do monte Sinai (convento fundado pelo imperador Justiniano) e o codex do *Vaticano* pertencem ao quarto seculo. São os manuscriptos mais antigos que se conhecem. O codex *Alexandrino* é do quinto seculo; existe no Museu Britannico e diz-se ter sido offerecido a Carlos I d'Inglaterra por Cyrillo Lucca, patriarcha de Constantinopla, que o havia trazido de Alexandria.

Seguem-se em antiguidade os codices *Ephremi* e *Besæ*. O *Ephremi* acha-se na bibliotheca real de Paris e o *Besæ* na universidade de Cambridge.

O codex *Montfortianus*, hoje existente na bibliotheca da universidade de Dublin, é celebre por ter sido o primeiro que contem a combatida ou contestada passagem I João. V. 7. Nas duas primeiras edições do Novo Testamento, Erasmo omittiu esta passagem por não a encontrar nos manuscriptos consultados. Tendo, depois deparado com ella n'um codex antigo mencionou-a passando d'ahi para quasi todas as modernas traducções do Novo Testamento.

A antiga versão syriaca que remonta ao segundo seculo contem todos os livros do Novo Testamento á excepção da 2.ª Epistola de S. Pedro, a 2.ª e 3.ª de S. João, a de Judas e o Apocalypse. A *Vulgata latina* traduzida tambem no segundo seculo e revista por S. Jeronymo é a que corre nas egrejas occidentaes ou latinas.

Nas obras dos antigos padres e nas dos heresiarcas encontram se citações e referencias do Novo Testamento. Em não menos de cento e oitenta santos padres da egreja se encontram essas citações.

Refere a este respeito um livro curioso que temos presente — o *Manual Biblico* — uma interessante anedocta extrahida da biographia de Haldanes.

«N'um jantar dado por sir Ralph Abercrombie a alguns litteratos seus amigos fallando-se da BIBLIA, o livro de Deus, o livro por excellencia, houve quem fizesse a seguinte pergunta ácerca do Novo Testamento

— «Se todos os autographos do Novo Testamento existentes nos fins do terceiro seculo houvessem sido destruidos — o que poderia ter acontecido pela guerra cruel feita por Diocleciano aos christãos e ao que elles escreviam — poder-se-hia reconstruir esse livro portentoso?

«A pergunta impressionou os circumstantes e ninguem soube de momento responder a ella.

«Dois mezes depois o dr. Buchanan foi visitar lord Hales, um dos convivas do referido banquete.

— «Olhe, doutor, disse o lord apontando para a mesa coberta de livros antigos e diversos papeis, lembra-se d'aquella singular pergunta ácerca dos santos padres e do Novo Testamento que foi feita por um conviva a lord Abercrombie?

— «Perfeitamente, e até por signal que me preoccupou bastante. Se tal houvesse acontecido o christianismo não se teria propagado tão rapidamente sobre a terra.

— «Pois engana-se, meu amigo. Como eu possuo diversas obras dos antigos doutores da egreja do segundo e terceiro seculos, comecei nas minhas pesquizas e até hoje tenho encontrado por aqui e acolá, citados por uns e outros, trechos de todo o Novo Testamento, á excepção apenas de uns onze versiculos!»

Tanto antes como depois de Diocleciono muito se escreveu sobre o Novo Testamento.

Do primeiro seculo do christianismo temos as obras de Clemente de Roma, Ignacio e Polycarpo.

Do segundo e terceiro seculos ha o que disseram Origenes, Tertuliano, S. Cypriano, Clemente d'Alexandria, Ireneo, e Justiniano Martyr.

No quarto seculo escreveu Chrysostomo os commentarios a todo o Novo Testamento, temos mais Laetancio, Eusebio, Athanasio, Basilio, Gregorio Nazianzeno, Ambrosio, todos santos padres.

Do quinto seculo temos as obras de Cyrillo d'Alexandria ácerca das Epistolas de S. João, Theodoreto de Chypre, sobre as Epistolas de S. Paulo e ainda d'outros escriptores secundarios.

O Novo Testamento é a historia plangente de toda a vida de Jesus desde o seu Natal até á sua Morte e milagrosa Ressurreição.

Compõe-se tão excellente livro:

1.º dos quatro Evangelhos attribuidos a S. Matheus e S. João apostolos de Christo, a S. Marcos amigo e companheiro de S. Pedro e S. Lucas, companheiro e amigo de S. Paulo.

2.º — dos Actos dos Apostolos escriptos por S. Lucas.

3.º — das Epistolas de S. Paulo, S. Thiago, S. Pedro, S. João e S. Judas e do *Apocalypse*, de S. João, livro mysterioso cheio de alegorias e visões mysticas que ainda não foi comprehendido de ninguem, mas no qual, dizem alguns antigos escriptores religiosos, parece haver a predição, ou vaticinio, das futuras perseguições aos christãos, da destruição do imperio romano e da propria altiva Roma, e do triumpho da Egreja Catholica.

De resto, como todo o bom cidadão deve saber a historia da sua patria, todo o bom christão não deve ignorar a vida de Jesus e a que d'esse Grande Martyr e Divino Mestre disseram os seus discipulos, apostolos e evangelistas.

Silva Pereira.

[1] *Anno Domini.*

CREANÇAS E BRINQUEDOS

O bondoso Natal traz os bonitos; o endiabrado Janeiro quebra-os. E seguem-se de perto; separa-os apenas a grossura do calendario do novo anno.

Quando o bom do Natal começa a descer pelas chaminés, embuçado na sua peliça, com a cesta cheia das cousas mais lindas, já o malicioso Janeiro está no quarto de atalaia por detrás do cortinado do berço.

A creança dorme tranquilla, com os labios entreabertos n'um sorriso innocente... como uma rosa que adormecesse. Tinham-lhe recommendado que não abrisse os olhos, que não acordasse, porque de contrario o Natal ir-se-hia embora. Mas não lhe prohibiram que sonhasse, e ella aproveita-se da permissão.

Toda a noite, na dourada nuvem dos seus sonhos, é um desfilar constante de nénés rechonchudos e rosados e de bonecos de todos os tamanhos e feitios. Veem de todos os paizes e chegam por todos os caminhos, de braço dado, aos pulos, aos saltos, ás cabriolas, as creancinhas vestidas da côr do céo, os bonecos com carapuças de velludo e carregados de guizos que reluzem como gottas de sol. E a creança sonha que toda aquella bonecada não morrerá em quanto a tiver apertada nos pequeninos braços.

Veremos! diz comsigo o velhaquete do Janeiro, que é philosopho, como os que o são.

E eil-o a gesticular e a resmonear com cara de poucos amigos. Não que elle seja realmente mau. Mas os philosophos, ainda mesmo que tenham um genio brincalhão, parecem estar sempre algum tanto zangados e com vontade de contrariar, de fazer pirraças. Minerva, que era a deusa da sabedoria, tambem o era da guerra. Imaginem!

É natural: o Janeiro não poderia acreditar na eternidade dos brinquedos. Que cousa tão extraordinaria, uma boneca que não nos deixasse em toda a vida! Por um lado provaria que tinha sido muito estimada, muito acariciada, muito bem tratada; e por outro faria com que a infancia durasse mais alguns annos, o que seria deveras encantador!

Lembram-se d'esse tempo adoravel em que eram pequeninos? Como tudo resplendia! Como tudo cheirava bem! Havia na alma não sei quê, que gorgeava incessantemente. Andava-se á caça das borboletas. Procuravam-se os bichinhos que se arrastam por entre as hervas. Ia-se ao encontro dos Magos, pelas grandes estradas cinereas, quando chegava a festa dos Reis. Os Magos tomavam sempre outro caminho; mas o contentamento era o mesmo, porque se tinha dado bem á perna. Quão longe estamos de tudo isso!

Vieram os annos, e tambem os desenganos. Agora andamos em cata da fortuna: que borboleta tão difficil de apanhar! E' ao encontro d'ella que corremos, sem descanso, a toda a hora, por toda a parte. Mas, como os reis Magos, a linda borboleta segue sempre outro caminho! E é por saber todas estas cousas, que o Janeiro resmunga no quarto por detrás das cortinas dos berços... O homem já está na creança.

Começamos por quebrar os nossos bonitos, e acabamos diligenciando em vão collar as nossas esperanças partidas. A mesma curiosidade que nos levava a abrir a barriga dos nossos bonecos para vermos o que estava lá dentro, nos impelle a dar cabo eternamente da existencia. Que lucramos com esta boa obra? Desillusões sempre.

Ha um Natal bondoso para todas as edades. Ás creancinhas dá bonitos que as maravilham. Aos moços dá sonhos que os embriagam. Quando entramos na edade madura, mimoseia-nos apenas com recordações.

A unica differença é que as recordações duram mais tempo que os bonecos.

Mas será isto um bem?

Ha momentos em que nos parece que seria muito bom poder esquecer. A agua do Lethes é refrigerante, quando não para a memoria, ao menos para a velha dôr humana. Lembrarmo-nos, é revivermos na infancia que se sumiu, na adolescencia que voou, na mocidade que morreu. Na infancia ha todas as innocencias, todas as santas credulidades, todas as ingenuas confianças do coração. Na adolescencia ha o primeiro arrepio sagrado da natureza, ante a eterna Eva adorada e ainda não amada. Na mocidade ha toda a paixão, toda a vida: a paixão que vai até o acceitar-se de cara alegre o soffrimento, a vida que vai até o acceitar-se a morte por uma idéa, por uma mulher, por uma bandeira, por um anel de cabello. Que differença quando se compara tudo isto com as crueis experiencias da edade madura!

Não desejaria ser tomado por pessimista. A

philosophia de Schopenhauer não me conta entre os seus fanaticos.

Não cresci, como elle, entre nevoas, n'um paiz sem sol. Já não cantavam as cigarras na estação fria em que nasci; mas, escondidas no fertil solo, preparavam-se para cantar; e não tardou muito que revoassem para os altos ramos dos choupos, e novamente fizessem soar os seus estridentes cymbalos no ar luminoso do meu torrão, na alegre apotheose dos raios e das cores.

Escutei-as com a maior attenção, e nunca me disseram que na vida tudo é mau. Mas ainda que m'o dissessem não as acreditaria. Qual de nós não tem tido alguns dias de felicidade? Qual de nós ousou quebrar desde logo os seus brinquedos?

Está tudo n'isto: conservar os bonitos o maior espaço de tempo possivel.

Eu perdi alguns no caminho; mas tenho conservado os restantes O leitor tambem tem conservado os seus, não é verdade? O essencial é não nos desfazermos do ultimo, o que se chama *esperança*.

Ah! que lindo que é! Passamos bem sem elle, em quanto somos pequenos. Esperar? de que serve? Mas, emfim, é sempre esse bonito deliciosamente chimerico que nos consola da perda dos outros.

Os nossos verdadeiros brinquedos são as creanças, a quem damos brinquedos.

Porque? porque a grande esperança humana está nas creanças. Ah! não ha desillusão, quando um innocente nos extende os braços, dando a sua risadinha de anjo...

Quebra o bonito? Estripa a boneca? Isso quer dizer simplesmente que já tem curiosidades e raivas de homem pequenino ou de mulher pequenina. Mas se não quebrar e estripar mais que essas cousas, ganhará decerto a amizade dos deuses.

E depois isso colla-se, ao passo que o que nós quebramos nunca se colla.

Franz.

O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

(Narrativa de um marinheiro)

(Continuado do numero antecedente)

Então estavam reduzidos ao numero de seis os navios da armada. A não de Diogo Dias, o folgasão navegador, agora de lucto, pela morte de Bartholomeu, fôra, batida pelo temporal, ter a Madagascar, no estreito da Arabia, d'onde voltou ao reino apenas com seis homens.

A 13 de setembro aportava Alvares Cabral a Calecut. [1] O Samorim, logo que o soube, mandou cumprimentar o navegador portuguez. Este exigiu refens de muita consideração, o proprio catual e os ministros em quem o principe tivesse mais confiança. Cabral desembarcou então; fez-se-lhe uma recepção extremamente apparatosa, e destinaram-lhe habitação principesca. Ayres Correia foi acceite como commissario ou consul da nação portugueza. O capitão-mór não teve, por certo, como muito sinceras taes manifestações e extremos de cortezia, mas o commissario era incauto e de demasiada boa fé. Os navegadores portuguezes foram muitos assim. Valentes e confiados, uma criança os enganava. O heroismo tem muito d'esta natural ingenuidade.

Havia em Calecut dois mouros encarregados de zelar os interesses dos seus correligionarios e conterraneos. Coje-Béqui superintendia nas caravanas, e Coje-Cemeri nos negocios maritimos. Eram inimigos um do outro. Ayres Correia deixou-se embair por Cemeri, desprezando os avisos de Béqui, que era affecto aos portuguezes.

Desejava o mouro perverso que o consul de Portugal praticasse desatinos e assim o conseguiu para que recahisse grande odioso sobre os portuguezes e os indios se exasperassem. Correia capturou um navio com sete elephantes, que Cemeri lhe fez crer serem de mouros contrabandistas.

O Samorim exultava de contente.

O traidor revoluciona a gentalha, e 4 000 homens accommettem a residencia dos portuguezes. Morrem uns setenta, em cujo numero o infeliz e crédulo Correia; os demais, todos feridos, só a custo alcançam as lanchas.

Alvares Cabral ataca immediatamente treze navios mouros surtos no porto, captura uns, incendeia outros, mette em ferros os homens que se haviam livrado das chammas e do naufragio, e bombardeia durante dois dias consecutivos a cidade. Innumeras casas ficaram arrazadas, morrendo mais de seiscentas pessoas, sendo o Samorim coagido a fugir para os arredores, atterrado por haver presenceado a morte de um naire favorito que estava a seu lado.

Depois d'este acto de energia e de alta dignidade, Cabral foi a Cochim, onde o rei Trimumpára queria ardentemente fazer alliança com os portuguezes, cuja fama correra rapidamente por todo o Indostão. Já se preparava para levantar ferro, quando os reis de Cananor [1] e de Coulão lhe solicitaram que fosse áquellas cidades.

Dirigiu-se o capitão-mór á primeira e alli encontrou um acolhimento esplendido, recebendo a bordo um embaixador que o rei mandou a D. Manoel.

Pedro Alvares Cabral chega então a Cochim em 24 de dezembro de 1500 e forma pazes com o rei, regressando depois a Portugal, tocando em Melinde, Cabo da Boa Esperança, ilhas de Cabo Verde e Açores.

IX

CHEGADA DO GRANDE NAVEGADOR — O HEROE E O MONARCHA

No dia 23 de junho de 1501, vespera de S. João, chegava a Lisboa Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brazil, coberto dobradamente dos virentes louros da heroicidade e da fortuna.

D. Manoel, pelo muito apreço em que tinha as cousas da India, recebeu os felizes navegadores portuguezes retornados de tão dilatada e gloriosa viagem, com a maior solemnidade, concedendo honras e mercês a varios d'elles e em especial a Pedro Alvares, por todas as brilhantes acções que praticara.

Mas estas recompensas e a sua causa foram em breve esquecidas, como tinha por costume o venturoso monarcha, que buscava o mais simples pretexto para lançar ao desprezo aquelles que lhe aureolavam a corôa com as mais rutilantes joias dos novos descobrimentos e conquistas.

Mas estava cumprida a missão; o nosso nome coberto de prestigio nas Indias, assegurado o commercio e desenvolvido, emfim, o proveito da celebre derrota de Vasco da Gama. Fôra só este o designio d'el-rei D. Manoel, e Pedro Alvares Cabral trouxe ao monarcha portuguez, além do exito do seu mandato, um novo florão para a corôa de Portugal, o senhorio absoluto de mais uma extensa região, o Brazil, emfim, com toda a sua vegetação luxuriante, extraordinariamente desenvolvida e uberrima pelo calor tropical.

Logo no anno de 1502, quiz D. Manoel mandar novamente á India uma armada de quinze vélas, e para seu capitão-mór escolheu a Pedro Alvares.

O grande navegador, porém escusou-se. Dizem os chronistas que a isso o levou o não ser tudo disposto como era seu desejo. É certo que tão leve pretexto foi sufficiente para que o soberano agastado não attendesse depois Alvares Cabral em muitos requerimentos que lhe fez, e o votasse a um imperdoavel esquecimento.

Simples questões de pundonor tornaram aquelle illustre portuguez, que doara á patria um vasto continente, depois de haver curvado a seus pés os altivos rajahs do Indostão, em um instrumento inutil, nunca mais empregado, vindo a fallecer n'uma injustissima obscuridade.

X

MORTE DE PEDRO ALVARES — A SUA SEPULTURA E DESCENDENCIA

Retirado á obscuridade de uma terra de provincia, nem mesmo quando solicitava algum despacho conseguia ser ouvido o descobridor do Brazil. Os seus requerimentos ainda hoje dormem no archivo nacional á espera de um deferimento, de que felizmente o futuro, se não o pode servir com proficuidade, o vinga comtudo com esplendor.

Em breve dias raiará aquelle em que se completam quatrocentos annos sobre o do descobrimento das Terras de Santa Cruz. A hora da justiça não tarda e a gloria do descobridor está hoje affirmada pela riqueza intellectual e material d'esse povo nosso irmão.

Pedro Alvares Cabral foi casado com D. Isabel de Castro, filha de D. Fernando de Noronha, irmão de D. Pedro de Noronha, mordomo-mór de el-rei D. João II e seu embaixador, alcaide-mór de Obidos, e commendador-mór de S. Tiago, e de D. Constança de Castro, sua mulher.

(Continúa).

[1] Por outro dos artigos do regimento já citado, mandava-se-lhe que procurasse ganhar a boa vontade do rei de Calecut, e persuadil-o a dar licença para construir uma fortaleza na sua capital, e, em caso de que a negasse, lhe declarasse guerra.

[1] *Cananor* é uma das paginas mais esplendidas da grande epopeia indiana-portugueza. Foi theatro de proezas admiraveis, que a historia nacional regista com orgulho.

A INFANCIA DE JESUS — *Quadro de Bernardo Luini*

Recebemos e agradecemos:

Elementos *para a historia do Municipio de Lisboa por Eduardo Freire de Oliveira, archivista da camara municipal da mesma cidade, socio correspondente do Instituto de Coimbra — Lisboa, 1899.*

Esta importantissima obra alcança já ao tomo x, que acabamos de receber. É, como se sabe, uma, publicação mandada fazer a expensas da Camara Municipal de Lisboa, para commemorar o centenario do Marquez de Pombal, em 8 de maio de 1882, e o seu auctor tem sabido corresponder a esta intenção, traduzindo, compilando e annotando com muita intelligencia os preciosos documentos que opulentam o archivo do municipio lisbonense.

Abre o volume presente com a estampa do brazão d'armas da cidade de Lisboa, recentemente authenticado por carta regia de 21 de abril de 1897. D'ora ávante, fica estatuido por documento genuino que as armas da cidade de Lisboa serão, como o indicava a tradicção, compostas da maneira seguinte:

«Um escudo em campo de prata, tendo ao centro um galeão de côr esverdeada, sobre as ondas, com dois corvos de sua côr, um á prôa outro á pôpa, e as vergas em funeral. Sobre o escudo a corôa mural de ouro. Em volta dois ramos de carvalho de sua côr, e ligada com elles uma fita vermelha, tendo por legenda, em letras de ouro, as palavras de D. João I, quando se referia á camara municipal de Lisboa, manifestando o seu reconhecimento pelos relevantes serviços prestados ao reino por este municipio: «*Mui Nobre Leal Cidade de Lisboa.*»

Como se vê, respeitou-se a historia, não se despresou a lenda, e, collacionando o brazão conhecido do sello da carta circular que a camara de Lisboa enviou ás mais do reino em 29 de setembro de 1612, se compoz o actual que. está legalmente confirmado, como era de toda a conveniencia.

Os documentos transcriptos e annotados n'este volume abrangem desde o decreto de 2 de junho de 1700 até á consulta da camara em 3 de fevereiro de 1712. É uma serie interessante de valiosos documentos, que o erudito archivista sr. Eduardo Freire de Oliveira annotou muito lucidamente.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Encerramos hoje o vigesimo segundo volume do Occidente, e fazemol-o cheios de um contentamento, tão natural e legitimo, que bem deve ser comprehendido pelos nossos leitores.

Os muitos e honrosos incitamentos que temos recebido, tanto dos nossos numerosos assignantes como da imprensa portugueza e extrangeira, e o decidido favor publico sempre affirmado, obrigam-nos a um eterno reconhecimento, que aqui mais uma vez protestamos.

A selecta e valiosa cooperação que os nossos mais distinctos escriptores e artistas teem prestado ao Occidente é tambem uma das bases d'este edificio que vimos construindo ha vinte e dois annos, e graças a tal auxilio a collecção do nosso periodico constitue hoje um repositorio historico, litterario e artistico, de grande valor e interessantissimo.

Não é um vão desvanecimento, ou um estulto louvor em bocca propria, o que nos faz assim falar, é a plena convicção do muito que devemos a todos quantos teem contribuido para dotarmos o paiz com uma illustração, que, conservando a sua feição genuinamente portugueza, procura ser util e honrosa para o paiz.

É assim, que embora em moldes modestos, procuramos sempre corresponder a esse intuito, offerecendo nos assumptos tratados uma util e agradavel leitura, illustrada e de moralidade, de forma a continuar o lisongeiro apreço que nos longos vinte e dois annos decorridos temos tido a fortuna de merecer.

A Empresa.

AVISO

Com o presente numero é distribuido a todos os srs. assignantes, como **brinde** uma estampa representando **A Marinha de Guerra Portugueza em 1899.**

Esta estampa vende-se avulso por 200 réis. O numero e estampa 320 réis.

Tambem é distribuido com este numero a todos os srs. assignantes o frontispicio, indices e capa de papel do volume.